
SE ENTURMANDO COM O UKINHA: HISTÓRICO DOS PRIMEIROS PASSOS DO PROJETO UM COMPUTADOR POR ALUNO (UCA) NO BRASIL.

Daniel Torquato Fonseca de Lima

Graduado em História – Bolsista do Projeto UCA/PB
torquato.daniel@gmail.com

Ivonildes da Silva Fonseca

Professora da UEPB/CH
ivonildes.bahia@gmail.com

Este artigo tem como objetivo fazer um levantamento histórico da fase inicial, denominada “pré-piloto”, do projeto Um Computador por Aluno (UCA) do Governo Federal brasileiro que, como a denominação indica é a concretização de uma proposta governamental em atender a necessária inclusão digital que por extensão torna-se inclusão social.

Essa Inclusão Digital é mais que o acesso aos computadores, a internet é compreendida como a apropriação tecnológica como uma ferramenta facilitadora na vida de quem as usa. O Brasil mesmo ainda registrando numero baixo de residencias que possuem computador, sempre aparece como um dos países de destaques no acesso a rede mundial de computadores – a internet. Hoje o Brasil conta com mais de 30 milhões de usuários na rede, sendo o quinto país no ranking mundial com maior números de conexões na internet.

27,5 milhões acessam **regularmente** a Internet **de casa**, número que sobe para 36,4 milhões se considerados também os acesso do trabalho (jul/2009)[6]. 38% das pessoas acessam à web diariamente; 10% de quatro a seis vezes por semana; 21% de duas a três vezes por semana; 18% uma vez por semana. Somando, **87% dos internautas brasileiros entram na internet semanalmente**[7]. (http://www.tobeguarany.com/internet_no_brasil.php)

Vale ressaltar que em nosso entendimento a inclusão social plena passa também por outros itens além desse, o de dotar o estudante de um computador e dos ensinamentos para que o mesmo possa manuseá-los. Todavia, a aquisição dessa ferramenta tecnológica é fundamental para os acessos decorrentes seja no universo escolar, nas transações comerciais e em outros âmbitos sociais.

Acerca da conceituação de exclusão social, diz Nascimento (1997,p.88) que há um “abuso” deste termo que inclusive é polissêmico e dessa forma “termina por não servir a quase nada.” Assim, este mesmo autor pontua:”O campo teórico da exclusão é múltiplo. Tanto pode ser definido como o campo de estudo das desigualdades sociais, quanto do estigma ou

mesmo da sociologia do desvio”.

Para o nosso objetivo, a exclusão social é entendida como desigualdade social e o estigma vem junto. No momento histórico, mais precisamente a partir dos anos de 1970 com as “mudanças tecnológicas” a sociedade se encaminha para ser a da “informação” e havendo pessoas fora dessa sociedade ocorre uma estigmatização, sobretudo porque como infere Nascimento (1997,p.89):

A dimensão mais central nos estudos em torno da exclusão é ainda a econômica, e, mais precisamente, a do mercado de trabalho. A maioria dos estudos relacionam sempre as situações de exclusão com o crescimento do desemprego e, por consequência, com o aumento da desigualdade social.

Focando o UCA, diremos que o período pré-piloto teve início em 2005, quando Nicholas Negroponte, um dos idealizadores do projeto OLPC (One Laptop per child – Um laptop por criança), apresentou o protótipo do laptop ao presidente Lula, até 2007 quando foram iniciadas as implementações do UCA em cinco escolas públicas brasileiras, em caráter experimental, visando avaliar o uso dos laptops pelos estudantes em sala de aula.

O UCA é uma iniciativa de adoção intensiva de novas tecnologias da informação e da comunicação nas escolas, por meio da distribuição de computadores portáteis aos estudantes da rede pública de ensino. A pretensão do governo, conforme já referido, é suprir as necessidades em torno da apropriação tecnológica e propiciar a inclusão social e digital. Suprindo assim uma necessidade de obtenção da informação e de informar, em outras palavras ouvir e ser ouvido. A tecnologia nesse propósito se torna a extensão do próprio corpo, como defende o filósofo Marshall McLuhan:

o mito grego de Narciso está diretamente ligado a um fato da experiência humana, como a própria palavra Narciso indica. Ela vem da palavra grega *narcosis*, entorpecimento. O jovem Narciso tomou seu próprio reflexo na água por outra pessoa. A extensão de si mesmo pelo espelho embotou suas percepções até que ele se tornou o servomecanismo de sua própria imagem prolongada ou repetida. A ninfa Eco tentou conquistar seu amor por meio de fragmentos de sua própria fala, mas em vão. Ele estava sonado. Havia -se adaptado à extensão de si mesmo e tornara-se um sistema fechado. O que importa neste mito é o fato de que os homens logo se tornam fascinados por qualquer extensão de si mesmos em qualquer material que não seja eles próprios (MACLUHAN, 1965, p. 59).

Pelo fato da pretensão governamental propiciar a inclusão fica evidente que a situação em que viviam os estudantes era a de exclusão social. Não raro identificamos que estudantes

universitários brasileiros ainda não gozam do direito de ter para si um computador para facilitar, especialmente, as suas atividades acadêmicas. Se a realidade dos universitários é a da exclusão perante ao uso de algumas tecnologias como no caso o computador, certamente que em graus de ensino abaixo a situação é apresenta-se da mesma forma e/ ou podendo até ocorrer com maior gravidade, uma vez que estudantes da rede pública de ensino não goza de condições financeiras para proporcionar um frequente e em alguns casos até mesmo acesso a tais recursos tecnológicos.

Há de se reconhecer as muitas ações espalhadas pelo Brasil afora, algumas delas promovidas por organizações não governamentais que gratuitamente cuida de inserir crianças, jovens e adultos no mundo das novas tecnologias obtendo resultados positivos. Entretanto, um projeto governamental sendo executado por meio da escola pública e possibilitando que ocorra a posse do computador aponta perspectivas futuras de transformações nos âmbitos pessoal e coletivo.

Valorizamos a ação que centra os projetos nas escolas públicas , primeiro por nelas se encontrarem , na sua maioria, alunos de baixa renda e por que entendemos com Touraine (2007,p.152) que a escola é: “um setor da vida social onde se confrontam não apenas idéias mas também opções feitas pelos próprios professores e sobretudo pelos pais de alunos, convencidos de que a opção de uma escola tem efeitos profundos e duradouros sobre toda a vida de seus filhos.”

Depois da reunião do Fórum Econômico Mundial na Suíça, em junho de 2005, os professores Nicholas Negroponte e Seymour Papert, ambos do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), apresentaram ao Presidente do Brasil Luís Inácio Lula da Silva a ideia do laptop educacional, e este decidiu criar um grupo de trabalho para estudar a implementação nas escolas públicas brasileiras. Esse grupo técnico vai ser formado em Julho do mesmo ano, e contaria com três institutos de pesquisa: CenPRA – Centro de Pesquisa Renato Archer; CERTI– Fundação Centros de Referência em Tecnologias Inovadoras; e USP – Universidade de São Paulo, que avaliaram a proposta tecnológica e pedagógica da proposta dos professores do MIT. Ainda em julho um grupo formado por membros dessas instituições e de ministérios se reúnem em Boston, nos Estados Unidos, com o MIT para discutir detalhes do projeto.

De julho de 2005 a julho de 2006 esse grupo técnico analisam, adequam e elaboram o Projeto para as escolas brasileiras, finalizando com a necessidade de realização de

experimentos em escolas para o amadurecimento e possíveis alterações da proposta. É importante registrar também a necessidade de novos fornecedores.

Em fevereiro e março de 2007 existe a formalização do projeto por meio do documento “Projeto Base do UCA” e a construção das diretrizes pedagógicas.

Seu principal objetivo é o de fornecer, principalmente, os requisitos pedagógicos, além dos técnicos e os de infraestrutura da escola, que nortearão a execução do Projeto por todos os agentes envolvidos.

A visão predominante deste documento é a educacional, um dos pilares do projeto. Logo, sua concepção está calcada na experiência acumulada pelo Ministério da Educação a respeito do uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) no ambiente escolar.

http://www.enlaces.cl/portales/tp5fdaa5dc4n55/documentos/200712171646020.Projeto_Base_umcomputadorporaluno_UCA.pdf

De março a agosto inicia o período de experimentação em cinco escolas, selecionadas pela Secretaria de Educação a Distância do Ministério da Educação que fez várias sondagens a estados e municípios buscando adesão ao projeto. “Inicialmente foram pré-selecionadas dez escolas e, destas, cinco foram escolhidas.” (www.uca.gov.br). Foram escolhidas a Escola Municipal Ernani Bruno de São Paulo/SP; a Escola Estadual Luciana de Abreu de Porto Alegre/RS; o Colégio Estadual Dom Alano Marie Du Noday de Palmas/TO; o Centro de Ensino Fundamental nº 1 do Planalto Brasília/DF; e o CIEP Municipal Profª Rosa Conceição Guedes de Pirai/RJ. Todas as escolas desta seleção encontravam-se distribuídas em cinco estados diferentes o que favorece a uma melhor percepção de adequação do projeto, uma vez que cada escola tem suas particularidades e que estas tem traços ainda mais específicos por se encontrarem em realidades diferenciadas.

Três fabricantes de equipamentos (Intel, OLPC e Encore) fizeram doações de máquinas para a realização desses experimentos com os estudantes. A OLPC doou o modelo XO, o modelo que foi apresentado ao Presidente Lula em 2005, para as escolas de Porto Alegre/RS e São Paulo/SP. O XO possuía processador AMD Geode, 433 MHz 256 MB de memória RAM, 1 GB de memória de armazenamento, Tela LCD 7.5”, Rede ethernet 10/100, Rede WLAN 802.11 b/g, Câmera embutida, Microfone, 3 portas USB e 1 slot para cartão memória.

A Intel doou o modelo Classmate para as escolas de Palmas/TO e Pirai/RJ. O Classmate possuía processador Celeron Mobile 900 MHz, 256 MB de memória RAM, 2 GB

de memória de armazenamento, Tela de LCD 7", Rede ethernet 10/100, WLAN 802.11b/g, microfone, duas portas USB e alto-falantes embutidos.

A empresa Indiana Encore doou o modelo Mobilis para escola de Brasília/DF. O Mobilis possuía processador Intel PXA-255 400 MHz, 128 MB de memória RAM, 128 MB de memória de armazenamento, Tela LCD de 7", Rede Ethernet 10/100, WiFi, Câmera embutida, Microfone, três portas USB e alto-falantes.

Nos três casos os computadores tem capacidades e para usos específicos, pois com o mesmo pode-se efetuar atividades como gravar e ver videos, capturar e ver fotos, gravar e ouvir audio, editar textos, planilhas e slides, navegar na internet.

Em Novembro do mesmo ano é lançado o primeiro edital para compra dos laptops para a fase piloto, que visa abranger 300 escolas em todo Brasil. Teve como vencedora a empresa Positivo. A empresa iria fornecer um lote de 150 mil laptops ao valor de R\$ 98,18 milhões, o que corresponderia a um valor unitário de R\$ 654,5. No momento de encerramento do pregão, as duas partes ficaram de negociar esse valor, pois foi considerado pelo MEC muito acima do esperado.

Até dezembro de 2007 o pregão encontrava-se suspenso. Os licitantes acompanhavam notícias através do site ComprasNet, portal de compras do governo federal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa primeira fase do projeto foi de suma importância para que ao longo desse processo de experiência pudéssemos notar, em um modo micro, problemas e soluções para quando o projeto atingisse o modo macro. A recepção pelos estudantes e professores são as mais diversas possíveis, vamos desde a aceitação do laptop como uma ferramenta colaborativa e amigável, ao ponto de ser batizado com pseudônimos carinhosos, geralmente *Ukinha*, até como mais uma atribuição pesada a jornada diária. Mas como toda processo inovador esses resultados já eram esperados.

Com essa fase pode se compreender como seria o uso desse computador no espaço escolar, a sua funcionalidade em conjunto com os materiais didáticos já existentes, o que poderia ser melhorado na configuração dos laptops.

Quais as necessidades antes, durante e depois da chegada dos computadores na escola, como se daria a formação com esses “usuários” finais. Tudo isso foi levado em conta para a próxima fase do projeto, ampliação do projeto.

O processo licitatório ficou em tramite até dezembro de 2008, quando foi realizada um novo pregão

Ressaltamos que além desse projeto estar contribuindo para a inclusão digital e social, instrumentalizando os alunos para as suas vidas presentes também repercute para o futuro no qual se vislumbra o mercado de trabalho . E, a depender da forma como o projeto venha a ser conduzido poderá promover a formação do “sujeito”, categoria sociológica que estará apto a reivindicação de direitos .

Referências

<http://informatica.hsw.uol.com.br/laptop-de-100-dolares.htm> Acesso em: 7 de outubro de 2010

<http://projeto-uca-df.blogspot.com> Acesso em: 7 de outubro de 2010

<http://www.guiadohardware.net/analises/intel-classmate-parte1/>Acesso em: 7 de outubro de 2010

http://www.tobeguarany.com/internet_no_brasil.php Acesso em: 7 de outubro de 2010

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cutrix, 1964.

NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. Globalização e exclusão social : fenômenos de uma nova crise da modernidade. In: DOWBOR, Ladislau; IANNI, Octavio; RESENDE, Paulo-Edgar A. **Desafios da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1988. p.74-94

PAPERT, Seymour. **A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática**. . Porto Alegre: Artes Médicas, 2008

TOURAINÉ, Alain. O sujeito. In: _____. **Um novo paradigma: para compreender o mundo de hoje**. 3ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 117-167